

Interacionismo Simbólico como ferramenta teórica e metodológica para o estudo no ciberespaço

Symbolic Interactionism as a theoretical and methodological tool for the study of Cyberculture

Interaccionismo simbólico como una herramienta teórica y metodológica para el estudio en el ciberespacio

Thaisa Bueno (Brasil)

Universidade Federal do Maranhão

thaisabu@gmail.com

Marcelli Alves (Brasil)

Universidade Federal do Maranhão

Alves.marcelli@yahoo.com.br

Fernanda Vasques Ferreira (Brasil)

Universidade Federal do Oeste da Bahia

fernanda.vasques@ufob.edu.br

Fecha de recepción: 13 de marzo de 2017

Fecha de recepción evaluador: 15 de marzo de 2017

Fecha de recepción corrección: 30 de marzo de 2017

Resumo

A proposta deste artigo é apresentar os pressupostos teóricos e metodológicos da corrente de estudos da Comunicação conhecida como Interacionismo Simbólico e visitar a doutrina no âmbito da Cibercultura enfatizando a netnografia. O levantamento traz um resumo dos princípios que guiam as pesquisas nessa área, seus precursores e suas divergências. O objetivo é expor uma síntese das ideias que norteiam esse paradigma e a partir dessas reflexões alvitar a revisitação dos seus conceitos na aplicação de pesquisas voltadas às novas possibilidades de interação nascidas na Cibercultura. O texto pretende recuperar um pouco da história do surgimento e da consolidação dessa proposição teórica, apresentar seu método de análise, seus autores, vantagens e limitações de uso além de sua aplicação na netnografia.

Palavras-chave: Interacionismo Simbólico; Netnografia; Cibercultur; Teoria da Comunicação.

Abstract

This paper aims to present the methodological and theoretical assumptions of the Symbolic Interactionism, and to review the Cyberculture doctrine with emphasis in a netnography. The data survey contains a summary of guiding principles of researches in this area, its precursors and differences between them. The objective is to exposure the synthesis of the guiding ideas for this paradigm and, based on this to propose a new view of the conception related to new possibilities which raises from Cyberculture. The text intends to rescue some of the history of raising and consolidation of this theoretical proposal, to present its methodology of analysis, its authors, vantages and limitations of use, besides its application in netnography concept.

Key-words: Symbolic Interactionism; Netnography; Cyberculture; Communication Theory.

Resumen

El propósito de este trabajo es presentar los supuestos teóricos y metodológicos de los estudios de comunicación de la corriente conocida como interacción simbólica y volver a la doctrina bajo Cibercultura netnografía destacando. La encuesta se resumen los principios que guían la investigación en esta área, sus precursores y sus diferencias. El objetivo es presentar una síntesis de las ideas que guían este paradigma y de estas reflexiones opinar revisitando sus conceptos en la aplicación de la investigación dirigida a nuevas posibilidades de interacción nacidos en la cibercultura. El texto que desea recuperar algo de la historia de la aparición y consolidación de esta proposición teórica, presenta su método de análisis, los autores, ventajas y limitaciones de uso, además de su aplicación en netnografía.

Palabras clave: Interacción simbólica; Netnografía; Cibercultura; Teoría de la Comunicación.

João Cabral de Melo Neto, com sua poesia, conseguiu sintetizar a essência do pensamento que abarca o intercâmbio comunicacional. Como immortalizou em seus versos: “Um galo sozinho não tece uma manhã: ele precisará sempre de outros galos. De um que apanhe este grito que ele e o lance a outro; de um outro galo que apanhe o grito que um galo antes e o lance a outro; e de outros galos que com muitos outros galos se cruzem”.

A licença poética aqui trazida para a comunicação humana permite dizer que os vínculos interpessoais estão intrínsecos ao processo de transferência mútua, à troca, à conexão e à partilha de significados e interpretações. E mais, isso só é possível por mediação do ato comunicativo. Em outras palavras, nossa organização individual e também coletiva, é resultado da comunicabilidade em diferentes níveis. Este conceito é basilar para se apreciar o ponto de vista da perspectiva teórica conhecida como Interacionismo Simbólico que, além da Comunicação, partilha seus princípios com diversas outras áreas do conhecimento, em particular com a Sociologia, com a Psicologia Social e com a Linguística.

O interacionismo simbólico, formulação teórica oriunda principalmente do campo da sociologia, é a mais ampla perspectiva sobre o papel da comunicação na sociedade, fornecendo um excelente ponto de partida para muitas outras teorias da interação social. (Sousa, 2007, online)

Mas, apesar da pluralidade de aplicações e da capacidade de sua problemática teórica englobar olhares tão distintos, passando da Sociologia para a Filosofia da Linguagem, por exemplo, um aspecto fica manifesto e é compartilhado: no seu cerne a comunicação é essencialmente uma interação simbólica. Sendo esta entendida aqui como um modo peculiar da interação entre os seres humanos, marcada pela interpretação das ações recíprocas ao invés de uma simples reação a elas. “O interacionismo simbólico considera os significados produtos sociais, criações elaboradas em e através das atividades humanas determinantes em seu processo interativo” (Blumer, 1980, p.121).

Tratados estes que conversam com a doutrina do Interacionismo Simbólico e afiançam as tentativas de revisitação de suas proposições. Um modelo que apresenta o cidadão como alguém capaz de interpretar, de usar seu raciocínio para decidir juntamente. É um olhar menos maquinístico e mais humano no decurso da interação, que prevê adaptações conforme as circunstâncias. Sendo assim útil para entender a sociedade de hoje, apesar das diferenças em relação àquela na qual a teoria foi pensada porque compreende as mudanças de comportamento marcadas pela convergência midiática, pela popularização das redes sociais, pelas possibilidades de conversação diversas em

plataformas como as que agregam comentários, entre outros recursos disponíveis nos diferentes aparatos ligados à web. Nesses sistemas, as pessoas são capazes de usar seu poder de simbolização para não reagirem de forma idêntica aos estímulos, enfim, promovem uma interação simbólica.

A revisitação ao Interacionismo Simbólico já foi proposta anteriormente, quando da popularização dos meios eletrônicos, como o rádio e a televisão. Um dos primeiros a pensar a aproximação da teoria interacionista com os estudos do meio foi o pesquisador da chamada Ecologia da Mídia – corrente teórica que examina o efeito dos canais de comunicação na criação de uma nova paisagem social - Joshua Meyrowitz (1985). O estudioso mesclou as duas correntes ao observar os papéis sociais modificados pela inserção da TV no dia a dia das pessoas. Ele justifica essa mescla de teorias:

Os teóricos do meio descrevem como um meio reformula os grandes ambientes culturais e estruturas institucionais, mas eles não nos dizem muito sobre os caminhos em que os meios remodelam situações sociais específicas ou os comportamentos sociais cotidianos. Por outro lado, a maior parte dos situacionistas está preocupada em descrever situações e comportamentos como eles existem na sociedade mais do que analisar como e porque as situações se desenvolvem. (p. IX – tradução livre)¹

Contemporaneamente, num outro momento, também assinalado pela inserção de novos aparatos tecnológicos e, em particular no que tange aos estudos dessa nova sociedade marcada pela interação motivada pela tecnologia, a proposta deste artigo é, a partir da pesquisa bibliográfica, sugerir a revisitação dos conceitos do Interacionismo Simbólico como teoria e metodologia adequadas aos estudos da cibercultura. O texto pretende recuperar um pouco da história do surgimento e da consolidação dessa proposição teórica, apresentar seu método de análise, seus autores, vantagens e limitações de uso. O artigo não tem a pretensão de encerrar ou abarcar todas as possibilidades de uso da teórica no meio digital, mas sistematizar sua aplicabilidade e apontar alguns possíveis empregos no cenário cibercultural, em particular uma aproximação com a netnografia.

Recontando sua história

Foi no século passado, mais especificamente com o surgimento das tecnologias eletrônicas de difusão, que a Comunicação passou efetivamente a ter uma reflexão teórica mais sistematizada enquanto área do conhecimento. Antes disso, conforme Rüdiger (2011b), até mesmo a expressão “comunicação” era problematizada muito raramente.

Entre as escolas que comportam a história dos estudos voltados ao tema, a perspectiva interacionista tem dois grandes méritos: foi a primeira teoria a considerar o papel do sujeito como um ser ativo no processo comunicacional, sendo, portanto, a pioneira no olhar para a comunicação interpessoal; e foi também precursora na defesa do papel crucial das novas tecnologias como motor de mudança na forma de nos organizarmos.

Até então, a base filosófica que norteava a pesquisa em Comunicação tinha uma influência muito forte da corrente matemática, também conhecida como modelo de Shannon e Weaver (1962), que entendia as relações comunicativas como um sistema técnico e linear, no qual as questões subjetivas e de compartilhamento eram rebatidas. Com o tempo, as limitações desse método foram sendo mais visíveis e a comunicação ganha um olhar mais sociológico. Embora, conforme pontue Rüdiger (2011b), o modelo matemático tenha sido um axioma adotado por pesquisadores até a década de 1970, já entre os anos 1930 suas suposições começavam a ser questionadas por um novo olhar, que mais tarde receberia a chancela de Interacionismo Simbólico. Gabriel Tarde, por exemplo, é apontado como um pioneiro na Europa ao tratar da comunicação com uma inclinação culturalista. O sociólogo analisou a conversação e entre seus preceitos está o de que a comunicação modifica-se e alcança resultados distintos entre seus interlocutores conforme valores culturais, sociais, econômicos, entre outros. Não é arriscado dizer, portanto, que seria este um primeiro olhar para a interrelação entre emissores e receptores. Uma hipótese segundo a qual a sociedade precisava ser estudada a partir dos processos de interação constituídos simbolicamente pela comunicação e que seria sistematizada mais à frente pela Escola de Chicago, também nas primeiras décadas do século XX, com nomes como Georg Mead, Charles Cooley e Herbert Blumer, por exemplo.

Conforme Blanco (1998), o termo “Interacionismo Simbólico” foi cunhado em 1937 por Herbert Blumer, responsável, ainda, por constituir em seus escritos a sistemática da abordagem interacionista. De acordo com o autor, apesar de as bases teóricas dessa filosofia serem anteriores, o ano de 1974 foi considerado, efetivamente, o ponto de partida do arcabouço teórico interacionista, com a fundação da Sociedade para o Estudo do Interacionismo Simbólico (*Society for the Study of Symbolic Interactionism*). Hoje esse instituto conta com página na internet (<http://www.symbolicinteraction.org/>) e uma revista científica trimestral focada no tema, a *Symbolic Interaction*.

Herbert Blumer, que batizou a corrente e resumiu suas bases na obra *Symbolic Interactionism: Perspective and Method* foi, na verdade, o discípulo mais fiel de Georg Mead, autor da obra mestra desta teoria, o livro *Mind, Self and Society*. Blumer realizou uma compilação, organizada pelos alunos de Mead, logo após a sua morte, em 1931, de aulas e palestras que ministrou sobre o tema. O texto é tão importante que, como lembra Sousa (2007), alguns estudiosos como Manford Kuhn dividem a história do interacionismo em dois momentos: uma tradição oral, anterior à publicação deste livro; e uma outra tradição surgida depois de sua edição póstuma. Ao explicar o termo, Blumer (1980, p. 01) escreveu: “como um neologismo algo bárbaro que cunhei de um modo improvisado. [...] seja como for, o termo agradou e tornou-se popular”. Tão popular que se mantém como título da teoria até hoje.

Para entender o modelo interacionista

O aspecto basilar do paradigma interacionista consiste na compreensão do homem como um ser ativo, que se orienta pelo que acontece à sua volta e por si mesmo, a partir das interpretações que ele afiança aos fatos. Em resumo, as reações estão intimamente ligadas ao significado que o receptor dá ao mundo por meio da experiência social vivida. “Básica no pensamento de Mead é a noção de que o homem é um ator, não um reator” (Littlejohn, 1988, p. 68).

Assim, pelo olhar daquele pensador e de seus seguidores, a realidade é uma construção marcada pela comunicação interpessoal. A tese que os move é a de que a associações humanas não podem ser entendidas ou estudadas fora do contexto comunicativo, caso contrário incorrer-se-ia no risco de averiguar-se não a comunidade em si, mas universos paralelos individualizados. Essa percepção tem como mérito permitir uma materialização do conceito de realidade, que afiançou rigor científico ao estudo. Para os interacionistas, e depois para muitos outros estudiosos do campo social, o juízo de realidade é, essencialmente, o de realidade social, ou seja: símbolos externos reconhecidos e cujos significados são compartilhados num contexto de consenso ou contestação. Assim, seriam fruto de relações intersubjetivas.

O que garante a existência de uma realidade além dos meus sentidos e interpretações é a existência de outros indivíduos a partir dos quais pode-se compreender a mesma realidade. A realidade não é uma alucinação minha por conta do reconhecimento dos meus elementos, objetos, fatos esignificados por outras pessoas além de mim. Esse reconhecimento mútuo dos significados [...] é a garantia da existência de algo além de mim [...]. Em outras palavras, uma realidade social. (Martino, 2009, p.77)

Conforme os interacionistas, o significado é um elemento-chave para entender os processos de interação e comportamento social.

De acordo com essa perspectiva, a mente, o eu e a sociedade são processos de interação pessoal e interpessoal; os comportamentos são construídos pela pessoa durante o curso da ação, logo o comportamento não é reativo ou mecanicista; a conduta humana depende da definição da situação pelo ator; e o eu é constituído por definições tanto sociais como pessoais” (Primo, 2000, p. 03)

Tendo como sustentáculo as orientações de Mead, Blumer (1980) enfatiza em seu argumento que o conceito de significado e, portanto, de interpretação, é um produto social, uma criação possível a partir da interação entre os indivíduos consigo mesmo, com os outros e com o mundo. De maneira bem didática, à luz do pensamento do autor, poderíamos agrupar esse entendimento nas seguintes premissas: os indivíduos agem diante de situações e de outras pessoas de formas diferentes por conta do significado que essas coisas e pessoas têm para ele; este significado é alcançado por meio da interação e se mantém ou é alterado mediante um processo interpretativo; eu tenho um conceito de mim mesmo a partir dos outros, exerço um papel, e isso marca minha individualidade.

Blumer (1980) sistematiza em três conceitos as proposições elementares do Interacionismo Simbólico:

A primeira é que os seres humanos agem em relação às coisas com base nos significados que as coisas têm para eles. Tais coisas incluem tudo que o ser humano possa notar em seu mundo [...]. A segunda premissa é que o significado de tais coisas é derivado de, ou origina-se da, interação social que alguém tem com um companheiro. A terceira premissa é que esses significados são manejados e modificados através de um processo interpretativo usado pelas pessoas ao lidar com as coisas que elas encontram. (p. 2)

Seria como dizer que a mente humana se manifesta como um organismo em constante relação com o mundo por meio de símbolos. Mead (1973) explica mais, diz que quando uma ideia é partilhada entre indivíduos e isso promove uma mudança no seu modo de agir e reagir tem-se, então, um “símbolo significante”. A base do significado só pode ser encontrada na conduta social, a qual é montada por símbolos significantes. Este se torna consciente dos significados quando se identifica com os símbolos. Nas palavras do próprio Mead: “da linguagem emerge o campo da mente” (p.165).

Ou seja, a interação simbólica é, essencialmente, a interação em que um processo social é percebido e redefinido, não por uma ação direta do outro, mas substancialmente por meio da interpretação dessas ações a partir do significado a elas adjudicado. “O interacionismo simbólico considera os significados produtos sociais. Criações elaboradas em e através de atividades humanas determinantes em seu processo interativo” (Blumer, 1980, p. 121).

Outra questão relevante no entendimento da teoria interacionista diz respeito à tríade: Self, Eu e Mim. Em “*Mind, Self and Society*”, Mead defende que o *Self* é o interior de um indivíduo e formado por duas partes complementares: o Eu (I), mais individualizado e espontâneo; e o Mim (ME), que é a representação do outro. Assim, como toda a relação humana na perspectiva situacionista, Mente e Self não são formados por herança biológica, dadas de nascimento, mas originadas no contato social. Ou seja, o próprio Self é um “objeto social”. Esse entendimento de indivíduo é essencial para se conhecer e, depois aplicar a teoria já que esta vai tratar da forma como a sociedade se apropria de certos espaços e como reage a eles. Saber que o próprio indivíduo é fruto desse ambiente esclarece, mais a frente, as escolhas e implicações de análise. O autor enfatiza que é a capacidade de entendimento e reflexão da individualidade como algo construído, e não dado, que faz com que o *Self* se diferencie dos objetos físicos e abstratos da vida em sociedade.

Em outras palavras, o homem não cria uma avaliação de si mesmo por meio de uma probabilidade do ângulo pessoal, mas colocando-se no olhar e no ponto de vista do seu grupo. Somos indivíduos a partir do grupo que pertencemos. Para os interacionistas, desempenhamos papéis. A interação é na verdade uma “dramatização” desses papéis.

Perceber a sociedade na perspectiva interacionista é ir além do conteúdo, é esmiuçar o modo como este conteúdo se forma e transforma a partir das relações.

Para ajudar a apreender os conceitos e a partir disso buscar uma aplicação no campo da Comunicação e, quem sabe uma revisão de aplicabilidade, cabe um esquema de pontos principais da teoria, como se sistematiza no quadro a seguir.

Quadro 1. Pontos principais Interacionismo Simbólico

A sociedade é resultado da comunicação e esta se manifesta entre os participantes e não para eles

A linguagem é a estrutura basilar da influência entre os componentes

O homem é um ser ativo, com capacidade interpretativa

A interpretação é um produto social e a mente é também um produto social interiorizado

A mente, o eu e a sociedade são interdependentes e integram a interação pessoal (consigo mesmo – objeto de si) e interpessoal (com o outro)

Fonte: O autor (2015)

De forma sucinta podemos resumir a premissa que une os interacionistas a seguinte frase: o indivíduo e a sociedade são unidades inseparáveis e interdependentes.

Com aplicar a teoria?

Se o sustentáculo do interacionismo é a interpretação, seu foco metodológico tem como alicerce o olhar do sujeito. Esta particularidade também marcou o pioneirismo deste tipo de estudo entre os filósofos da comunicação. “O interacionismo simbólico trouxe, pela primeira vez às ciências sociais, um lugar teórico para o sujeito social como intérprete do mundo, pondo em prática, com isso, métodos de pesquisa que privilegiam o ponto de vista desses sujeitos” (Borges, Carvalho, Rego, 2010, p. 144)

Interessados nas alterações de ordem simbólica, esses estudiosos adotaram uma metodologia que buscou atender também a esse objetivo. “Enquanto os positivistas podem ver métodos como meras técnicas de maior ou menor eficiência no levantamento de dados, o interacionista está compelido a ver a pesquisa em si como uma categoria simbólica baseada em interação” (Silvernan, 1995, p. 29).

Portanto, embora Mead não tenha sistematizado ou delimitado um formato de aplicação específico no estudo da ação social, entre os métodos disponíveis para empregar a teoria interacionista nas pesquisas, diversas possibilidades foram aviltadas e ainda hoje podem ser revisitadas, conforme o objeto de análise. Tanto que outro ponto importante

na história dessa corrente diz respeito aos grupos que surgiram a partir de seu alicerce especulativo. Tendo como inspiração as formulações originais de Mead, dois grandes movimentos podem ser distintos: a Escola de Chicago, que tem Blumer como nome mais importante; e a Escola de Iowa, representada por ManfordKunh.

Para Littlejohon (1989) a diferença básica entre as duas escolas é a escolha do método. Enquanto a Escola de Chicago enfatizou, sobretudo, os estudos empíricos, análises de casos individuais, observação participante, etc; os integrantes de Iowa tinham uma abordagem mais operacional, admitindo os estudos quantitativos.

Blumer insiste numa metodologia distinta para o estudo do homem; procura tornam a sociedade moderna inteligível; procura perceber a realidade social através de conceitos sensibilizantes, que buscam expressar o caráter processual da realidade; [...] ManfordeKunh enfatiza a comunalidade do método em todas as disciplinas científicas; busca as previsões universais da conduta humana; procura operacionalizar as idéias do interacionismo simbólico em variáveis que possam ser empregadas no teste de proposições empíricas. (Palma, 2004, p.030)

Para melhor entender as particularidades deste método adotado pelos dois conceitos, Mendonça (2002, p.16) sistematiza as diferenças no quadro aqui reproduzido.

Quadro 2. Diferenças entre as orientações de Blumer e Kuhn sobre o Interacionismo Simbólico

Blumer	Kuhn
Insiste na necessidade de uma metodologia distinta do estudo do homem	Enfatiza o compartilhamento do método em todas as disciplinas científicas
Procura tornar a sociedade moderna inteligível	Busca as previsões universais da conduta humana
Procura perceber a realidade social através de “conceitos sensibilizantes”, que buscam expressar o caráter processual da realidade	Procura operacionalizar as ideias do interacionismo simbólico em variáveis que possam ser empregadas no teste de proposições empíricas
Concebe a natureza do comportamento humano como imprevisível e indeterminado	Concebe a natureza do comportamento humano como determinado pelas definições do ator, inclusive suas autodefinições, sendo então, previsíveis com base em expectativas internalizadas
Concebe o self e a sociedade como processos dinâmicos	Concebe o self e a sociedade como estruturas cujos padrões são estáveis e previsíveis
Admite a existência da interação simbólica, característica dos humanos, e da interação não-simbólica (ou conversação de gestos)	Ignora as interações não-simbólicas, baseadas em estímulo-resposta, tratando apenas dos aspectos cognitivos e não-afetivos do comportamento humano

Fonte: Mendonça (2002, p.16) - adaptada

Além desses dois olhares, a base teórica interacionista também originou uma outra concepção, esta articulada por W. Thomas, conhecida como Interacionismo Interpretativo. O modelo propõe a imersão completa do pesquisador no fenômeno interpretado.

As três vertentes da teoria não chegam a ser contraditórias, já que compartilham dos mesmos preceitos conceituais de seu mentor. O que as diferencia, efetivamente, é o método para se chegar à análise. E ainda neste, em algum aspecto, as vertentes podem ser complementares. Afinal, uma observação participante, típica do modelo proposto por Thomas, não exclui as proposições de Blumer no que tange aos estudos de caso e etnografias. Mesmo os levantamentos quantitativos de Kunh podem complementar os estudos analíticos qualitativos.

[...] dependendo das hipóteses testadas, os behavioristas podem, às vezes, usar métodos qualitativos – por exemplo, na fase exploratória da pesquisa. Do mesmo modo, os interacionistas podem, às vezes, usar métodos quantitativos simples, sobretudo quando querem encontrar um padrão em seus dados (Silverman, 2009, p.24).

Inclusive, trazendo essa discussão para o ciberespaço, que a é a proposta deste artigo, as vertentes, apesar da peculiaridade, podem, efetivamente, ser revisitadas adotadas em conformidade com o objetivo do estudo. Por exemplo, os estudos quantitativos de Kunh permitem, efetivamente, um diálogo profícuo entre os preceitos interacionistas e os mapeamentos, bem comuns nos estudos do ciberespaço. A metodologia híbrida, sistematizada para os estudos digitais pelo Grupo de Pesquisa em Jornalismo Online (GJol) que mescla dados qualitativos e quantitativos, tem sido apontada como uma referência aos estudos do ciberespaço porque permite um entendimento aprofundado dos fundamentos teóricos que norteiam suas alterações, aliado à descrição real das particularidades do fenômeno. Conforme Machado e Palácios (2008) defendem, o modelo híbrido é mais democrático porque, ao ter acesso, inicialmente, aos dados quantitativos, o pesquisador terá mais subsídios para pensar a organização e a escolha do enfoque na pesquisa qualitativa.

“Neste modelo híbrido, procedimentos de pesquisa qualitativa e quantitativa são ações complementares no processo contínuo de compreensão conceitual sobre a produção de informações [...]” (Machado & Palacios, 2008, p. 200). Ou seja, um formato que permite trazer para o campo de reflexão as orientações de base interacionista em diálogo direto com o método pensado para apropriações e usos do ciberespaço, particularmente dos ciberjornalismo, no caso do estudo baiano.

De qualquer maneira, de forma isolada ou mesclando métodos de apreensão da realidade, mesmo sem técnicas específicas, algumas pistas ajudam o estudioso que adentra nessa área. Blumer (1980), por exemplo, chama atenção para duas etapas que ele

considera essenciais aos estudos interacionistas: a exploração e a inspeção. A primeira técnica é bem democrática, cabendo a cada pesquisador escolher seu método de obtenção de informação. Para ele, o pesquisador deve escolher um procedimento confortável ao modelo e área de investigação. Isso inclui desde observação, entrevista, registros, descrições e outros. Já a segunda etapa, a inspeção, é descrita como o momento de aprofundar e focar no objeto de análise.

Silverstone (2009) também ajuda a entender a metodologia classificando de um modo generalizante as pesquisas interacionistas no âmbito da epistemologia. Elenca as orientações que norteiam em geral as pesquisas nessa área do conhecimento: a organização através de percepções “subjetivas”; observação participante; entrevistas etnográficas, estudos comparativos, análise estatística multivariada, descrições narrativas e análises de casos.

Ainda no âmbito dos levantamentos, os autores elencaram os temas mais comuns que adotam as metodologias variadas do interacionismo.

Ao fundar-se nessas premissas, a interação simbólica é levada a desenvolver um esquema analítico da sociedade humana e da conduta humana que envolve certas ideias básicas relacionadas com a natureza dos seguintes temas: grupos humanos ou sociedades, interação social, objetos, o ser humano como ator, a ação humana e as interconexões entre as linhas de ação. Em uma visão de conjunto, essas ideias representam a forma como o interacionismo simbólico vê a sociedade humana e a conduta. (Borges, et.al., 2010, p. 153)

Ainda que não tenham sido pensadas no âmbito da cibercultura, as proposições podem ser revisitadas, na sua totalidade, nos estudos da vida em rede na web. Diversos autores afirmam que a cibercultura foi a responsável por criar novas modalidades de relacionamento e vínculos gerados a partir da comunicação mediada.

A Cibercultura e as relações interpessoais

No âmbito das pesquisas desta área de conhecimento, iniciadas no começo dos anos de 1930, em contraponto aos modelos informacionais que compreendiam a transferência de saberes como um processo linear de troca de mensagens, a Interação Simbólica ganha novo fôlego com o advento da Cibercultura, conceituada aqui como uma formação sociocultural cotidiana marcada pelo uso de computadores, Internet e outras tecnologias digitais de intercâmbio mútuo.

A cibercultura corresponde ao estágio em que a essa convergência sai do âmbito do conhecimento especializado e, passando a ser operacionalizada pela base, graças à transformação dos computadores em equipamentos domésticos e, agora, portáteis, se converte em plataforma ou fenômeno de costumes democráticos, na linha de fuga sistêmica e de expressão molecular da sociedade capitalista (Rüdiger, 2011a, p. 11).

A proposta de renovação da teoria em relação à nova maneira de as pessoas se relacionarem é coerente à medida que identidade, subjetividade e reciprocidade de relações, temas centrais do debate contemporâneo, também estão na base das discussões dos interacionistas. O foco de investigação desse aparato teórico é a interação, alicerce igualmente dos estudos atuais voltados ao consumo e ao uso das novas tecnologias. Autores como Lèvy (1995), Jenkins (2009), Primo (2000), entre outros, ao tratarem das relações promovidas no ciberespaço perpassam, em algum momento, as discussões sobre os processos interativos. Lèvy (1995), por exemplo, ao discorrer sobre a interação por meio de canais digitais escreveu: “longe de se adequarem apenas a um uso instrumental e calculável, são importantes fontes de imaginação, entidades que participam plenamente da instituição de mundos percebidos (1995, p. 16). Fundamento apreciado, igualmente, por Primo (2000, p. 05) ao dizer que: “[...] a comunicação não é apenas um conjunto de ações para com outra pessoa, mas sim a interação criada entre os participantes. Isto é, um indivíduo não comunica, ele se integra na ou passa a fazer parte da comunicação” (grifos do autor).

E se a interação é um ponto em comum e bastante suscitado nas pesquisas do ciberespaço e, à luz de Blumer (1969), na abordagem interacionista o investigador é convidado a interatuar ativamente com os sujeitos da pesquisa, neste artigo entendemos que a aproximação de interacionismo e cibercultura acontece, substancialmente, por conta de o embasamento teórico culturalista conversar com as problemáticas do campo digital; já a revisitação proposta inclui ampliar as discussões tanto do ponto de vista da temática, agora mediada pelo computador; quanto na escolha das ferramentas de captação e tratamento de dados, que não pode mais ficar restrita às relações presenciais face a face.

Do ponto de vista da temática, entendemos que o interacionismo ampliou significativamente seu campo de atuação, já que a interação mediada pelo computador potencializou, agilizou e reconfigurou os modos como nos relacionamos. No que tange o formato de promover o levantamento de dados parece justificável incluir nas ferramentas possíveis de averiguação a netnografia, já que o arcabouço teórico dos interacionistas não foi pensado para o modelo digital, ainda que suas discussões contribuam muito para entender essa maneira de interagir.

Nesse sentido, ao propor uma revisitação da teoria na esfera do mundo digital, além de enfatizar a temática e ratificar a contribuição dos preceitos para o universo online, acreditamos que se faz necessário incluir nas possibilidades de escolha das ferramentas de captação de dados e modos de atuação em campo a netnografia, um método de coleta de informações fruto do ambiente virtual. Como destaca Kozinets (2010, p. 1) “netnografia é uma forma especializada de etnografia adaptada às contingências da computação mediada do mundo social de hoje”.

Parente próximo da etnografia, cujo conceito nasce da Antropologia, embora a etnografia apareça frequentemente como um recurso adotado pelo interacionistas, sua variante, a netnografia, não, já que os preceitos não foram pensados para esse modelo de interação. E partindo do pressuposto de que, conforme Amaral, Natal e Viana (2008) a etnografia virtual ou netnografia não consiste numa mera mudança de plataforma, pois implica em usar artifícios e modelos de pesquisa que serão construídos especificamente no campo digital, acreditamos que sua disposição de conduzir as pesquisas no campo podem contribuir para ampliar as discussões sobre a construção simbólica da interação entre os sujeitos.

Como diz Braga (2007), a netnografia leva em conta as práticas de consumo midiático, os processos de sociabilidade e os fenômenos comunicacionais que envolvem as representações do homem dentro de comunidades virtuais. Ponderações que se complementam aos princípios de viés culturalista na cibercultura, uma vez que permite entender os modos de apropriação, de consumo e usos concretos das tecnologias de comunicação e interação pelas participantes dos grupos observados.

A partir do advento das novas tecnologias e a imersão da sociedade no contexto da cibercultura veio à tona a terminologia netnografia, também conhecida como etnografia virtual. Kozinets (2002) pesquisou as relações existentes nas comunidades virtuais ainda na década de 90 utilizando e disseminando o termo. Embora, contrário à rigidez do procedimento metodológico, o autor enfatiza quatro fases importantes para a realização do estudo etnográfico: 1. A definição do assunto que será estudado e a inserção em campo nas comunidades e sites que deverão ser analisados. 2. A coleta e análise dos dados. 3. A ética e por fim 4. O *feedback*.

Para Braga (2006) o processo de interação social que ocorre no interior dos ambientes proporcionados pela internet é recente. No entanto, parte de estratégias individuais e grupais não herdadas, são adquiridas por apropriação e adaptação a regras já estabelecidas no mundo real. De acordo com o autor, essas estratégias vão sendo aplicadas caso a caso, que se consolidará na sedimentação de uma cultura da atividade online. No entanto, Montardo e Passerino (2006) dizem que a limitação da netnografia se encontra na identidade e veracidade dos indivíduos na rede. No entanto, Hine (2000) ressalta que a netnografia permite pensar os processos das culturas na internet.

Levando em consideração que para o sucesso da pesquisa é importante à inserção no campo virtual e por meio dela a realização das demais etapas, a aproximação dos preceitos teóricos do Interacionismo Simbólico da prática netnográfica é salutar e justificável uma vez que dessa forma ocorre uma adaptação na forma de pesquisa na qual as trocas sociais de quem permite a interação no mundo digital passa a ser, também, utilizada como interesse do pesquisador. Um exemplo disso é a análise das diferentes formas de linguagens utilizadas no ciberespaço. De acordo com Schiffrin (1996), a

sociologia interacional tem suas origens na interseção de três áreas: Linguística, Antropologia e Sociologia. Conforme defende, por abarcar essa multidisciplinaridade apresenta uma pluralidade em relação à forma do entendimento de como as pessoas se entendem ao darem sentido ao que ocorre em determinadas situações de interações.

Longe de ser uma alternativa à etnografia da comunicação, a sociolinguística interacional apresenta-se como complemento fundamental a ela, dependendo do que se esteja investigando, uma vez que fornece os subsídios para o entendimento de como cada indivíduo se comporta na interação [...]. Na busca por uma forma de acessar a comunicação realizada nessas interações, vislumbramos no ambiente virtual um locus propício para o desenvolvimento de um modo de decifrar o que se encontra entre o dito (escrito) e o não dito (também escrito) pelas pessoas nesses tipos de interação (Freitas & Leão, 2012, p. 188 - 191).

Sabemos que a interação na cibercultura é diferente da relação face a face. No entanto, é consenso, que grande parte dos problemas encontrados na interação face a face também é encontrada na interação proporcionada por ambientes digitais. A partir das premissas de Blumer (1969), mesmo na interação mediada é possível entender o significado que as pessoas dão para determinadas coisas ou situações uma vez que este significado é decorrente da interação social. Dessa forma, na netnografia devem ser levados em consideração os procedimentos de ordens linguísticas, como a natureza da conversação, como também as não-verbais, baseadas na sociolinguística interacional, e ambos podem complementar as discussões teóricas de viés interacionista.

Gumperz (1982) enfatiza que esse processo é amplo e exemplifica tendo como base o uso de reticência no final da frase, marcação de chateação, dúvida ou hesitação, a utilização de vários pontos utilizados na língua portuguesa em sequência, (por exemplo !!!!!!!.....?????) na tentativa de simular uma possível entonação. Além disso, o uso de letras maiúsculas no meio da frase ou períodos que façam simular intensidade sonora também devem ser levadas em consideração.

Os emoticons², as abreviações como rrsrrs, blz, vc e outros, ou até mesmo letras que imitam determinados sons como kkkkkkkkk, dando uma noção de gargalhada ou fioooooofiooooo simulando um assovio são outros exemplos.

Tannen e Waller (2002, p.189) complementam esse raciocínio. Para eles, o sentido das coisas é percebido a partir da maneira como os participantes se comportam durante o processo de interação que podem ser tanto verbais quanto não-verbais. Dessa feita, o contexto no qual a interação é inserida deve ser levado como prioridade. Os autores também utilizam o termo “esquema de conhecimento”, ou seja, para eles uma pessoa só pode entender o significado de algo se houver conhecimento prévio. Ou seja, para aproximar os modos de fazer netnográfico dos saberes do Interacionismo Simbólico o pesquisador precisará ter conhecimento prévio da linguagem utilizada no contexto da cibercultura.

Mas para além linguagem, a netnografia pode contribuir para revisitação da teoria no âmbito do ciberespaço porque seus modos de observação e inserção em campo vão permitir entender os intercâmbios na rede, os processos de compartilhamento marcados pela interpretação das ações recíprocas ao invés de uma simples reação a elas. O significado como um produto social elaborado e modificado por meio das ações humanas. Uma mediação entre usuários e ferramentas, moldados por infinitas interferências do âmbito cultural, histórico e social, além do que o próprio apetrecho previa na sua feitura.

[A mediação] implica a constante transformação de significados, em grande e pequena escala, importante e desimportante, à medida que nós, individual e coletivamente, direta e indiretamente, colaboramos para sua produção. (Silverstone, 2011, p. 33)

Enxergar a relação do homem com a tecnologia dessa maneira é trazer para a pesquisa um olhar menos maquinístico e mais humano no decurso da usabilidade, que prevê acomodações conforme as ocasiões e que a netnografia pode abarcar. Os dados, em diálogo com a teoria interacionista, vai demonstrar que as pessoas são capazes de usar seu poder de simbolização para não reagirem de forma idêntica aos estímulos e, ao contrário, promoverem uma “interação simbólica”.

Nesse sentido, ao tratar dos preceitos interacionistas, Silverstone (2009) organizou as proposições com os princípios metodológicos dessa corrente e suas implicações. Para este artigo adaptamos essa listagem já em conversa com o modelo netnográfico e cibercultural. O modelo fica semelhante ao que segue:

Quadro 3. Quadro de princípios metodológicos

PRINCIPIOS	IMPLICAÇÃO	NO CIBERESPAÇO
Relacionar símbolo e interação	Mostrar como significados surgem no contexto do comportamento	Estudos das linguagens (símbolos e modos) específicas da rede
Tomar o ponto de vista do ator	Aprender as concepções contidas da realidade; interpretá-las através da perspectiva sociológica	Levantar, possíveis perfis de comportamento no modo de interação nas redes
Estudar o caráter situacional da interação	Levantar os dados em situações de ocorrência natural	Entender, por exemplo, se redes sociais digitais diferentes articulam atores distintos e comportamentos diferenciados
Estudar o processo bem como a estabilidade	Analisar como símbolos e comportamentos variam em relação ao tempo e ambiente	Pesquisar, por exemplo, posturas geracionais distintas em mesmos

			ambientes ou redes no ciberespaço
Generalizar da descrição para a teoria	Tentar estabelecer interativas universais	proposições	Estudos que relacionem o comportamento na rede com os modos de se relacionar em ambientes tradicionais

Fonte: Silverstone (2009) – Adaptado

Por fim, acreditamos que as sugestões não encerram as possibilidades de aproximação entre o interacionismo e a netnografia, nem descartam possíveis novas revisitações com outros modos de pesquisar no ciberespaço, no entanto, entendemos que esta sistematização aqui proposta pode incentivar mais investidas na área tendo como base uma teoria há tempos consolidada no campo da comunicação.

Considerações finais

De tudo que já foi apresentado sobre o Interacionismo Simbólico, seus alicerces e sua possibilidade de aplicação, o que permanece flagrante é que seu aporte teórico permite investidas metodológicas flexíveis, adaptáveis a cada realidade ou objeto estudado. Esta particularidade parece ser uma das distinções mais favoráveis da corrente, uma vez que por meio dela é possível propor uma aproximação efetiva com as questões da sociedade contemporânea, incluindo as novas possibilidades de interação nascidas na Cibercultura.

Assim sendo, fazer uso desses pressupostos é saber que embora com alicerces já consolidados na comunicação, é também uma exposição que se reformula a cada mudança social. O seu caráter empírico e dedutivo concebe que o objeto afeta e modifica a teoria, permitindo abordagens em diferentes planos. Tanto é assim que o Interacionismo Simbólico já congrega estudos como: de conversação, de Gabriel Tarde; de comportamento das multidões, de Gustave Le Bon; de como a televisão cria novos ambientes sociais e modifica o comportamento das pessoas, de Meyrowitz; entre outras investidas menos famosas, como estudos em áreas de administração de empresas, saúde, educação, entre outras.

No contexto de análise simbólica voltada à cibercultura, a netnografia apresenta como uma ferramenta importante para o entendimento desse novo modelo ainda não tanto explorado pelas ciências sociais aplicadas. No entanto, é preciso ressaltar que a netnografia analisa apenas os processos comunicacionais voltados para a troca de informações escritas. Portanto, para que se tenha o entendimento do que de fato ocorre é preciso ir além das palavras e do seu significado gramatical e sim aumentar a percepção na qual enquadra a interação da comunicação não-verbal, também.

Além disso, o fato de enxergar o homem como um ator das ações, um interprete de símbolos e gestos partilhados, também afiança ao interacionismo uma ampla aplicação nos estudos da cibercultura. Particularmente, porque nessa lógica a recepção da mensagem deixa de se resumir a um saber, a uma simples codificação de dados, para se tornar uma interação, uma relação com o outro. Na Teoria da Informação, por exemplo, desde os primeiros estudos, e mesmo depois com a revisão dos conceitos feita por Roman Jakobson, pensava-se a comunicação como um modelo linear e mecanicista, a ideia de um emissor – uma mensagem – e um receptor. Nessa outra lógica, entende-se a comunicação como um sistema interacional. Uma mudança substancial que pressupõe tanto a codificação quanto a decodificação de conhecimentos, ou seja, para essa linha teórica comunicar é antes estar junto – com o outro, consigo e com o mundo. E, nesse entendimento, a teoria dá um passo adiante porque oferece uma forma crítica de ver a comunicação, que deixa de se resumir apenas a uma mensagem, que sai da fonte e atinge um receptor, que compartilha os mesmos códigos. É um processo dinâmico de significação, uma semiose.

Obviamente, não se trata de uma teoria sem imperfeições. Entre as críticas que recebe está o fato de não conseguir atingir uma visão complexa macrossocial e ignorar as questões de poder, ficando muito limitada à sociabilidade de pequenos grupos. No entanto, conforme pontua Blanco (1998), cabe entender a teoria no que ela se propõe: ser um estudo microssocial com suas barreiras e seus benefícios.

Referências

- Blanco, A (1998). Cinco tradiciones de la Psicología Social. Madrid: Morata.
- Braga, A. (2006). Usos e consumos de meios digitais entre participantes de weblogs: uma proposta metodológica. Anais do XVI Encontro da Compós. Curitiba, Brasil.
- Borges, L. Carvalho, V. D. & Rego, D. P. (2010). Interacionismo Simbólico: Origem, Pressupostose contribuições ao estudo da psicologia social. Revista Psicologia, Ciência e Profissão. n. 30, p 146-161. Recuperado de http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1414-98932010000100011&script=sci_abstract&tlng=pt
- Blumer, H. (1980) A natureza do Interacionismo Simbólico. In: MORTENSEN, David. Teoria da Comunicação: textos básicos. São Paulo: Mosaico.
- Freitas, G. K. & Leão, A. L. M. S (2012). Concepção da netnografia da comunicação: uma abordagem aplicada à pesquisa em administração. Revista eletrônica UFPE de Gestão Organizacional – Vol. 10, N02, 211 – 228. Recuperado de <http://www.revista.ufpe.br/gestaoorg/index.php/gestao/article/view/321>

- Gumperz, J. J. (1982). *Conversational Codeswitching*. In *Discourse Strategies*. Cambridge, England: Cambridge University Press.
- Hine, C. (2000) *Virtual Ethnography*. London: Sage.
- Jenkins, H. (2009). *Cultura da convergência*. 2. ed. São Paulo: Aleph.
- Kozinets, R. V. (2002). *Netnography 2.0*. In: Russell. W. B, *Handbook of Qualitative Research Methods in Marketing*. Edward ElgarPublishing.
- Kozinets, R. V. (2010). *Netnography. Doing ethnographic research online*. Thousand Oaks, CA: SagePublications.
- Lèvy, P. (1995). *As tecnologias da inteligência*. Rio de Janeiro: Letras.
- Littlejohn, S. (1988). *Fundamentos Teóricos da Comunicação Humana*. Rio de Janeiro: Guanabara.
- Machado, E & Palacios, M. (2008). *Um modelo híbrido de pesquisa: a metodologia aplicada pelo GJOL*. Rio de Janeiro: Vozes.
- Malinowski, B. (1922). *Argonauts of the Western Pacific: an account of native enterprise and adventure in the Archipelagoes of Melanesian New Guinea (Robert Mond Expedition to New Guinea, 1914-1918)*. London: Routledge&Kegan Paul. [Trad. port.: *Argonautas do Pacífico ocidental: um relato do empreendimento e da aventura dos nativos nos arquipélagos da Nova Guiné, Melanésia*. São Paulo: Abril Cultural, 1976. (Coleção Os Pensadores, 43)].
- Martino, L. M. S. (2009). *Comunicação Interpessoal*. In: Martino, L. M. S. *Teoria da Comunicação: ideias, conceitos e métodos*. São Paulo: Vozes.
- Mead, G. (1973). *Espiritu, Persona y Sociedad*. Espanha: Paidós.
- Mendonça, J. R. C. *Interacionismo Simbólico: uma sugestão metodológica para a pesquisa em Administração*. *Revista Read*. Edição 26, Vol. 8 No. 2, mar-abr 2002. Recuperado de <http://seer.ufrgs.br/index.php/read/article/view/46249>
- Meyrowitz, J. (1985). *No sense of place: The impact of electronic media on social behavior*. New York: Oxford University Press.
- Montardo, S. P. & Rocha, P. J. (2005) *Netnografia. Incursões metodológicas na cibercultura*. *Revista E-compós*, v. 4, Brasília. Recuperado de http://boston.braslink.com/compos.org.br/e%2Dcompos/adm/documentos/dezembro2005_paula_sandra.pdf
- Neto, J. C. M. (1979). *Poesias completas*. Rio de Janeiro: José Olympio.

- Palma, G. M. (2004). O interacionismo nas investigações linguísticas: Características e procedimentos. II Seminário Internacional de Pesquisa e Estudos Qualitativos. Relatora do Grupo de Trabalho 3 - Interacionismo Simbólico. Bauru, Brasil.
- Primo, A. (2000). Interação mútua e reativa: uma proposta de estudo. Revista da Famecos, n. 12, p. 81-92, jun. 2000.
- Rüdiger, F. (2011a). As teorias da Cibercultura: perspectivas, questões e autores. Porto Alegre: Sulina.
- Rüdiger, F. (2011b). As teorias da Comunicação. Porto Alegre: Penso.
- Silverman, D. (2009). Interpretação de dados qualitativos: métodos para análise de entrevistas, textos e interações. Porto Alegre: Artmed.
- Silverstone, R. (2005). Mídia e vida cotidiana: elementos para uma teoria da mediação. Revista Brasileira de Ciências da Comunicação. Volume XXVIII, n. 2. São Paulo: Intercom.
- Sousa, F. S. (2013). Interaccionismo simbólico e Comunicação: linguagem, comunicação e interação simbólica. Seminário dedicado ao Interacionismo Simbólico. Jul. 2007. Disponível em: <http://cyberdemocracia.blogspot.com.br/2007/07/interaccionismo-simblico-e-comunicacao.html>. Acesso em: 12 fev. 2013.
- Shannon C. & Weaver, W. (1975) Teoria matemática da comunicação. Rio de Janeiro: Difel.
- Schiffrin, D. (1996). Narrative as Self-Portrait: Sociolinguist Constructions of identity. Language in Society.
- Tannen, D. & Wallat, C. (1987). Enquadres interativos e esquemas de conhecimento em interação: exemplos de um exame / consulta médica. Trad. Parmênio Camurça Cito. In: Ribeiro, B.T.; Garcez, P.M. (Ed.). Sociolinguística Interacional. 2a. edição. São Paulo: Edições Loyola.
- Tarde, Gabriel. (2005). A opinião das massas. São Paulo: Martins Fontes.
- Uriarte, U. M. (2016). Podemos todos ser etnógrafos? Etnografia e narrativas etnográficas urbanas. Revista ReDobra. Salvador, Ano 3, Num.10, 1-19. Recuperado de http://www.redobra.ufba.br/wp-content/uploads/Redobra_10_22.pdf

Notas

¹"The medium theorists describe how media reshape large cultural environments and institutional structures, but they do not tell us much about the ways in which media reshape specific social situations or everyday social behaviors. For their part, most of the situationists are more concerned with describing situations and situational behaviors as they exist in a society rather than in analyzing how and why situations evolve" (original)

² Modelo de comunicação [paralinguística](#) que inclui sequência de caracteres tipográficos ou imagens com o intuito de traduzir estados emocionais em construções de textos.